

## O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NUMA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA

Dálcia Maria Machado Parreira Santana<sup>1</sup>; Raquel Machado Lima<sup>2</sup>; Izabel Cristina Michels Corrêa<sup>3</sup>; Izabelina Pachuri Poquiviqui de Lima<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente artigo traz uma abordagem do complexo tema do desenvolvimento e aquisição da linguagem sob o ponto de vista sociointeracionista. Sabemos que há uma gama de teorias que permeiam o campo da aquisição da linguagem, fato importante porque a linguagem como qualquer realidade complexa requer ser observada de pontos de vista diferentes. Porém, nosso objetivo neste momento é ressaltar a importância da visão sociointeracionista, para auxílio na compreensão daqueles que se interessam pelo processo da aquisição da linguagem verbal, ou seja, daqueles que são atraídos pelos fascínios da linguagem. Como diz Eni Pulcinelli Orlandi em 1986: como o homem, a linguagem é feita de suas ilusões e seus mistérios, e é isso afinal o que seduz. Assim, entendemos que a interação da criança com outras pessoas é essencial na aquisição da linguagem.

**Palavras-chave:** Interação; sujeito; desenvolvimento.

### THE DEVELOPMENT OF LANGUAGE IN A SOCIOINTERATIONAL PERSPECTIVE

### ABSTRACT

This article presents a complex issue approach to development and language acquisition under the sociointeractionist point of view. We know there is a range of theories that permeate the field of language acquisition, important fact because the language like any complex reality requires to be observed from different points of view. But our goal at this point is to stress the importance of social interactionist vision, to aid in the understanding of those who are interested in the process of acquisition of verbal language, those who are attracted by the fascinations of language. As Eni Orlandi Pulcinelli in 1986: Like the man, the language is made of his illusions and its mysteries, and that's ultimately what seduces. So we understand that the interaction of the child with others is essential in language acquisition.

**Keywords:** Interaction; subject; development.

---

<sup>1</sup> Pedagoga com Especialização em Gestão Escolar. Trabalha no Centro Educacional Infantil Vereador Oriel Mendes Lucas - Pontes e Lacerda - MT. E-mail: dalciaparreira@hotmail.com

<sup>2</sup> Pedagoga com Especialização em Neuropsicopedagogia. Trabalha no Centro Educacional Infantil Vereador Oriel Mendes Lucas – Pontes e Lacerda - MT. E-mail: rakel18\_lima@hotmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda em licenciatura plena em Química - IFMT Campus Pontes e Lacerda – MT. Trabalha no Centro Educacional Infantil Vereador Oriel Mendes Lucas - Pontes e Lacerda - MT. E-mail: izabel\_fac@hotmail.com.

<sup>4</sup> Pedagoga. Trabalha na escola estadual Antônio Carlos de Brito - Pontes e Lacerda - MT. E-mail: ippl\_bella@hotmail.com.

## **Introdução**

Muitos estudos têm ocorrido ao longo da história a respeito da linguagem, tendo sido assunto de interesse de muitos filósofos desde o passado, perfazendo toda uma trajetória até chegar à modernidade, hoje continua chamando a atenção de psicólogos, linguistas e outros estudiosos do assunto, os quais têm desenvolvido várias pesquisas em torno desta questão. Segundo Chauí (1997), por muito tempo a filosofia preocupou-se em definir a origem e as causas da linguagem, os estudiosos se depararam com duas razões: A linguagem é natural aos homens, isto é, existe por natureza, ou é convenção social? Se a linguagem for natural, as palavras possuem um sentido próprio, se for convencional, são decisões consensuais da sociedade que poderia inclusive ter escolhido outras palavras para designar as coisas. Essa discussão levou séculos, até concluir que a linguagem como capacidade de expressão dos seres humanos é natural, ou seja, os homens nascem com uma aparelhagem física, anatômica, nervosa e cerebral que lhes permite expressarem-se pela palavra. A partir de então várias definições têm sido apresentadas a respeito da linguagem.

Para Chomsky (1957), a linguagem é algo inato, uma dotação genética, é adquirida como resultado do desencadear de um dispositivo inato inscrito na mente; segundo Skinner (1972), depende de mecanismos de estímulo-resposta-reforço que explicam o condicionamento baseado na estrutura do comportamento; há outros que acreditam que a linguagem é constituída pela criança em suas próprias atividades, depende do desenvolvimento do raciocínio e da inteligência da criança como Piaget (1978); e ainda há aqueles que entendem a aquisição da linguagem como um processo pelo qual a criança se afirma como sujeito da linguagem, e pelo qual constrói seu conhecimento de mundo, é o chamado “interacionismo social”, como sustenta Vygotsky (1984).

Graças a estes estudiosos, hoje temos acesso a inúmeras teorias a respeito da linguagem, mas, existe algo que todas têm em comum: a linguagem é uma capacidade inerente ao homem, é pela linguagem que o ser humano diferencia-se dos outros seres. De acordo com Castro (2013), para muitos a linguagem não se resume em falar, mas, abrange outras ações como gestos, olhares, expressões. Já para outros, a linguagem só se constitui quando passa dos meios de expressão aos de significação, por exemplo: um gesto pode expressar medo, mas somente as palavras, frases e enunciados significam o que é sentir medo.

A linguagem tem uma função comunicativa, por meio de palavras entramos em relação com os outros, dialogamos, argumentamos, persuadimos, ensinamos e aprendemos. É por meio da linguagem que se expressa o pensamento humano, que se constituem relações sociais, onde o falante torna-se sujeito, sem linguagem não existe sujeito e não há interação.

## **Desenvolvimento**

A aquisição da linguagem é um processo altamente complexo, pois está diretamente ligada à simbolização e elaboração do pensamento. Este é um processo que não ocorre isoladamente no desenvolvimento infantil, seu surgimento faz parte de uma série de transformações no comportamento da criança, mas, podemos dizer que a linguagem é um dos principais fatores no desenvolvimento da criança, pois é a linguagem que marca por meio do aparecimento de condutas a forma de compreender e interagir com o mundo (VYGOTSKY, 1934).

Um dos fatores que se destaca nos estudos sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem é o caráter social de tal atividade. É evidente a importância da interação entre a criança e o adulto na evolução da linguagem, já que é este intercâmbio que leva a criança a inserir-se no mundo social. Deste modo, é pertinente dizer que o desenvolvimento da linguagem não depende unicamente de fatores maturativos, sendo indispensável uma relação adequada e efetiva com o ambiente no qual interatua (VYGOTSKY, 1934).

Como podemos notar, a comunicação tem em sua origem uma função nitidamente social. A criança ao interagir com o outro organiza suas experiências, constrói conhecimentos, sente desejos, ou seja, elabora os conteúdos de sua atividade mental, por exemplo, se a criança deseja um objeto que não está ao seu alcance ela faz uso da linguagem para expressar esse desejo a fim de ter acesso ao objeto, ou para chamar atenção para algo que está vendo acontecer e quer partilhar com o adulto, ou ainda porque quer chamar a atenção sobre si mesma (ZAMONER, 2012; LYRA, 2016).

Queremos destacar que a pessoa que desempenha o papel de interlocutor para com a criança tem um papel considerável no desenvolvimento da linguagem, pois não basta simplesmente a criança ter uma razão para se comunicar e tomar a iniciativa, o adulto deve estar receptivo e atento, precisa ser sensível aos esforços comunicativos apresentados pela criança, tem que ser capaz de atribuir significado a estes, pois isso faz parte das condições favoráveis para a interação.

A reação do adulto diante dos primeiros sons emitidos pela criança é essencial, pois é de acordo com essa reação que a criança iniciará e continuará o desenvolvimento da fala. É fundamental que o adulto crie condições para que a criança se desenvolva neste processo, tratando esses sons como elementos discursivos.

Além do mais é através da linguagem que a criança vai ampliar seu conhecimento de mundo num processo pelo qual está inserida a mediação do outro, ou seja, do interlocutor, proporcionando assim a constituição da criança como sujeito no diálogo, como sustenta Scarpa (2001):

[...] a linguagem é considerada atividade constitutiva do conhecimento do mundo pela criança. É o espaço em que a criança se constrói como sujeito, em que o conhecimento do mundo e do outro é segmentado e incorporado. [...] Os objetivos do mundo físico, os papéis no diálogo e as próprias categorias linguísticas não existem a priori, mas se instauram e se constroem na interação entre a criança e seu interlocutor básico. (SCARPA, 2001, p. 89).

Por isso, a importância da valorização da criança enquanto interlocutor e da linguagem enquanto meio de conhecer e atuar no mundo.

O papel da família é de extrema importância, pois desde pequeno o bebê é interpretado em todas as suas expressões, mesmo quando ainda não tem intenção comunicativa. Desta forma, o adulto que já domina uma capacidade comunicativa vai aos poucos procurando dar sentido às expressões e manifestações da criança. Podemos atribuir ao adulto um duplo papel neste processo: primeiro é essencial que o adulto desempenhe o papel de interlocutor ouvindo e falando com o bebê, por outro lado, o papel de modelo, uma vez que é o adulto que apresenta a língua que ela irá adquirir. (GALLO e ALENCAR, 2012).

Destacamos ainda a fundamental importância da mãe, a qual ocupa uma posição no desenvolvimento da linguagem da criança, enquanto seu primeiro interlocutor, responsável pela sua inclusão no mundo linguístico.

Segundo Mussen et al. (1988), quando falam com seus bebês, as mães geralmente usam uma linguagem diferenciada do que usam com os adultos (palavras como papá e maninha). É um vocabulário especial que caracteriza a conversa das mães com os bebês. O tom de voz é mais elevado, as frases são curtas, simples e gramaticalmente corretas, contém poucos verbos e modificadores, há muitas perguntas, imperativos e repetições, e a fala é mais fluente e inteligível. Vários estudos têm demonstrado que esta fala característica da mãe com o filho pode facilitar o desenvolvimento inicial da linguagem.

Muitos teóricos (PIAGET, 1978; NOVAES, 1992; PASSERINO, 1996) afirmam que a socialização é fundamental para o desenvolvimento da linguagem, assim como as experiências vividas, o contato com outras pessoas, pois a partir destas experiências a criança constrói sua linguagem interna e, futuramente, a linguagem externa, pois a criança é um sujeito ativo que mediante processos interativos sendo eles verbais ou não, vai aprendendo as formas e uso linguísticos próprios do seu meio.

Alguns estudiosos (APOS0 e VAZ, 2002) costumam dividir o estágio inicial da aquisição da linguagem em duas fases: pré-linguística e linguística. No estágio pré-linguístico a criança passa por um processo para adquirir uma intencionalidade, que vai se tornando cada vez mais bem definida na medida em que vai se relacionando com outras pessoas mais velhas. Este processo envolve a expressividade corporal como olhares, movimentos, gritinhos, sorrisos e o choro que pode acontecer de várias maneiras, de acordo com a necessidade do bebê que por volta dos dois meses esses choros começam a ter significados: dor, raiva, fome. O choro estabelece um dos primeiros vínculos de comunicação entre a criança e os pais.

É importante frisar que nesta fase os sons são produzidos em função de suas necessidades fisiológicas, além do choro podemos, conforme Aposo e Vaz (2002), destacar os sons de conforto (gorgolejos e suspiros, grunhidos geralmente aparecem após a alimentação, a troca de fraldas ou de qualquer outra forma de alívio do desconforto).

O bebê também muito sensível às entonações e a musicalidade da fala podendo ser capaz até de atribuir significados emocionais como o enfado, alegria e surpresa à linguagem da mãe.

Ainda nesta fase pré-linguística, quando os sons são reflexos, englobamos também o balbucio (por volta dos três meses), que é considerado um som universal que é produzido sem a interferência da discriminação auditiva, são sons independentes da língua materna, desta forma, ouvintes e não ouvintes passam pela fase do balbucio que vai até por volta dos seis meses quando começa a haver interferência da audição e a criança ouvinte repete os padrões que ouve. Levando em consideração as mudanças biológicas que facilitam o desenvolvimento linguístico nestes primeiros meses de vida da criança. Os músculos vocais, respiratórios e articulatórios começam a ser regulados para a função fonológica específica (APOS0 e VAZ, 2002).

O balbucio é considerado como sinalizador do início do processo da aquisição da linguagem. Este período é tipicamente descrito como pré-linguístico porque os sons produzidos não são associados a nenhum significado linguístico. No entanto, mesmo antes de adquirir linguagem verbal o bebê pode possuir uma experiência muito significativa em comunicação, isto é, eles se comunicam com bastante eficácia, sendo capazes de transmitir uma grande quantidade de informações a quem os rodeia, sobre situações que lhes agradam ou desagradam (STILLINGS, 1989).

O desenvolvimento dessas habilidades pode ser acompanhado ao longo do crescimento do bebê, servindo também de indicativo da formação de uma boa ou má competência comunicativa.

Já o estágio linguístico da criança aparece a poucos meses antes de completar um ano, quando a criança começa a produzir suas primeiras palavras. Durante este estágio, suas falas se limitam a palavra que no início não tem um significado fixo e é pronunciada

de maneira um pouco diferente da dos adultos, são palavras monossílabas ou dissílabas repetidas, mamá, papá. Um dos fatores que influencia para esta pronúncia não usual é que a fala depende da maturação de alguns nervos auditivos, os sons às vezes são difíceis para a criança detectar e conseqüentemente difíceis para compreender (STILLINGS, 1989).

Outro fator interessante que ocorre neste processo é a respeito do aspecto sonoro, a emissão infantil desenvolve-se de forma gradual. Geralmente as crianças adquirem primeiro os sons cuja produção é mais visível nas pessoas, como *p*, *b*, *m* que são pronunciadas através de movimentos labiais. Por último é que são adquiridos sons que requerem movimentos mais refinados da língua, como por exemplo, o *r* (de trem) (APOSÓ e VAZ, 2002; STILLINGS, 1989).

Neste período, a criança também utiliza gestos melhorando assim a ligação dos objetos com a sílaba falada, possui maior domínio da visão, já anda e manipula diversos objetos.

Crianças nesta fase além de pronunciar as palavras de maneira diferente também querem dizer coisas diferentes com elas. Muitos pesquisadores perceberam que as crianças parecem expressar significados complexos com suas expressões curtas. É como se suas sentenças de uma palavra representassem um pensamento completo, tendo em vista que a criança nesta fase não está pronta para examinar cada palavra isoladamente, muitas vezes uma palavra pode significar apenas um fato ou objeto, ou pode representar muitas significações. Por exemplo, a palavra “caiu” pode significar um fato completo que já ocorreu ou que está ocorrendo. A forma do bebê se expressar indica que ele está analisando a fala recebida do adulto e, mais tarde então poderá utilizar as palavras de maneira mais objetiva (APOSÓ e VAZ, 2002).

Por volta dos 12 a 19 meses, quando a criança está mais independente, pois começa a explorar o mundo através do andar, ela começa a adquirir a capacidade de combinar sílabas, mesmo que estas quando unidas não tenham nenhuma significação no vocabulário do adulto. Muitas vezes, a palavra só é entendida por pessoas que lidam diretamente com a criança que vai aos poucos adquirindo sua habilidade linguística e logo passa a juntar palavras, originadas de sons que geralmente possuem correspondência entre si. Utiliza movimentos junto com gestos, falando, nomeando e manipulando. Por exemplo: *dáua* (quer dizer: água). Nesta etapa, a palavra traduz o desejo da criança.

De acordo com Mussen et al. (1988), por volta dos 18 meses a dois anos quando o vocabulário da criança alcança 50 palavras a maioria delas começa a juntá-las formando frases simples, por exemplo, *ver cachorro, jogar bola, fazer bolo*. Nesta fase, há um maior desenvolvimento da gramática, já utiliza gênero, número, pessoa e também verbos. Surgem fonemas mais complexos como: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/. Estas frases simples são como versão abreviada das frases adultas, chamada de fala telegráfica, é como um telegrama que contém somente as palavras essenciais, geralmente omitindo as preposições, conjunções e artigos, como nos exemplos citados acima.

Quando as frases simples começam a se tornar comuns, as frases complexas começam a aparecer espontaneamente na fala das crianças, este progresso na aquisição da linguagem geralmente ocorre entre os dois e três anos. Tais frases podem consistir em duas ou mais frases simples reunidas por conectivos, por exemplo: *Você chama e ele vem*, geralmente o “e” é o primeiro conectivo e o que ocorre com mais frequência no vocabulário de uma criança durante o terceiro ano. *Porque, o que, quando e então* também são usados com frequência, ao passo que, portanto, mas, se aparecem com menos frequência. Portanto para que ocorra a construção de frases complexas dois fatores são fundamentais, a criança tem que aprender as regras de combinar grupos de palavras e também usar conectivos para ligar as palavras (MOUSINHO, et al. 2008).

A criança nesta fase adquire um grande desenvolvimento gramatical, uma série de novas frases é acrescentada, como as orações coordenadas aditivas, exemplo: *Você pode carregar aquele e eu posso carregar este*. Orações subordinadas adverbiais temporais e casuais. Exemplo: *Você procura quando voltar para casa. Ela pôs um algodão no sapato porque estava doendo*. Orações que indicam contraste entre si, exemplo: *Eu estava cansado, mas agora não estou mais*. Orações simples com especificação de objeto, exemplo: *O homem que conserta a porta*. Orações imperativas, exemplo: *Veja o que eu estou fazendo* (LIMA, 2006).

Os avanços no desenvolvimento linguístico também se refletem na produção e compreensão de perguntas. As crianças de dois anos de idade compreendem sim e não, bem como perguntas, onde, quem, o quê, e em geral as respondem apropriadamente. Nesta idade as perguntas *quando, como e porque* são respondidas como se fossem o que ou onde (P: Quando você vai almoçar? R: Na cozinha. P: Porque você está comendo isso? R: É uma maçã). Entretanto, com três anos de idade as crianças começam a responder as perguntas *por que* de forma apropriada, e as respostas corretas para todos os tipos de perguntas aumentam com a idade de três a cinco anos (VYGOTSKY, 1984; MUSSEN, et al. 1988).

Alguns pronomes demonstrativos e advérbios de lugar como, *este, aquele, meu, seu, aqui, lá*, os quais se referem à localização de objetos também já são dominados pelas crianças da idade entre dois a três anos. Se a mãe disser a seu filho do outro lado da sala, *seu brinquedo está aqui*, a criança movimenta-se para o lado onde está a mãe a fim de pegá-lo.

Já as crianças de quatro a cinco anos demonstram um notável domínio de regras gramaticais complexas e de significados, pois à medida que a competência cognitiva avança a percepção metalinguística se expande, ou seja, a criança passa a refletir sobre a própria linguagem procurando entendê-la para falar a respeito. Mas, até que ponto as crianças estão conscientes destas regras?

Segundo Mussen et al. (1988, p. 75),

As crianças com idade pré-escolar diferenciam entre sons que são palavras reais e os que não o são, considerando maçã como uma palavra. Mas as crianças pequenas não entendem que as palavras são atribuídas arbitrariamente aos objetos, mais por costume do que por necessidade. Se você pergunta a uma criança em idade pré-escolar. *Você poderia chamar um cachorro de vaca e uma vaca de cachorro?* A criança tende a responder: *não, os cachorros latem e as vacas dão leite*. Os atributos do objeto são vistos como inerentes à palavra.

Crianças nesta idade demonstram que já alcançaram um alto índice de desenvolvimento no processo de aquisição da linguagem oral, nesta fase da idade pré-escolar elas começam a analisar as regras gramaticais, prova disto é o caso das correções em suas próprias falas, situações em que as crianças cometem um erro ao falar, reconhece-o e corrige-o espontaneamente, veja este caso: Uma menina com três anos disse: *Ela – ele não deu comida a ela*. Tinha começado sua frase com a palavra errada, atribuindo a ação ao objeto, e depois corrigiu (MUSSEM et al., 1988)

Uma maior percepção metalinguística foi percebida em crianças a partir dos oito anos de idade, em que as crianças são capazes de avaliar questões de ambiguidades, ou a compreensão do fato de que certas palavras, frases ou orações podem significar coisas diferentes em contextos diversos, ao contrário de crianças com idade inferior que tratam uma palavra como se ela tivesse somente uma função.

Depois dos oito anos de idade, a criança está mais consciente dos significados das palavras e entendendo que o significado de algumas delas têm diversas funções, nesta

idade a criança já atingiu um nível mais maduro, abstrato de competência linguística, ela reflete muito mais sobre a linguagem e é até capaz de fazer julgamentos sobre a própria linguagem, como os adultos o fazem.

Desta forma, a criança já está de posse desta capacidade de expressar-se, e o próprio exercício transforma-se numa fonte de aprendizagem e de experimentação verbal que vai aperfeiçoando a sua expansão.

Para as crianças que não encontram problemas na aquisição da linguagem por mais complexa que esta possa ser, são capazes de desenvolver a linguagem de uma forma tão rápida e natural que suas capacidades de aprendizagem até surpreendem os adultos, pois se comparar com o tempo e o esforço que custa a um adulto aprender um idioma novo é surpreendente a rapidez com que a maioria das crianças chega a manipular sua língua materna.

O que se deve fazer para favorecer um desenvolvimento e um enriquecimento progressivo no processo da aquisição da linguagem é estar atento aos interesses da criança no que concerne ao desempenho comunicativo da criança e estar disposto a atender suas curiosidades na sua linha de exigência. E ainda para que haja um processo adequado de desenvolvimento, a criança precisa ter um ambiente adequado de estímulos, onde aqueles que a rodeiam sejam capazes de atribuir significados às suas expressões, e que o adulto reconheça a importância de seu papel neste contexto, compreendendo que seu comportamento conversacional é importantíssimo para o desenvolvimento da linguagem da criança, uma vez que é a interação com o outro que leva a criança a instaurar-se como sujeito no discurso e expandir seu conhecimento de mundo.

A aquisição da linguagem verbal é um processo extremamente complexo e continua a provocar especulações e desperta a curiosidade em vários tipos de pessoas, cientistas e leigos. Felizmente, a linguagem da criança ainda continua sendo alvo de muitos estudiosos de variadas posturas teóricas, pois ainda há muitos mistérios que permeia o campo da investigação sobre a aquisição da linguagem.

Um fato é certo, por meio da linguagem, nós aprendemos sobre coisas que jamais experimentamos e podemos expressar nossas próprias experiências.

### **Considerações finais**

A questão da aquisição da linguagem continuará despertando muitas curiosidades, a sedução que a linguagem exerce sobre o homem existe desde a Antiga Grécia e até os nossos dias ela vem sendo alvo de muitos pesquisadores. Portanto, o que procuramos abordar é apenas uma parte das várias correntes de pensamento no que diz respeito à aquisição da linguagem.

Pela linguagem o homem tem o poder de transportar-se do seu meio e conhecer outras realidades, inclusive as que não são acessíveis aos seus sentidos, e esta é uma forma de ampliar seus conhecimentos. Podemos dizer que a linguagem é um poderoso instrumento inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos.

Partindo do ponto de vista sociointeracionista, notamos que o desenvolvimento da linguagem depende da interação e das experiências vividas em um determinado contexto social.

Disso decorre que a relação que a criança terá com o outro a conduzirá à construção de si mesma como sujeito no discurso, e que por meio da linguagem ela acrescentará em sua vivência experiências até então não adquiridas.

É notória a importância do outro no processo da aquisição da linguagem, pois se não houver alguém para interagir com a criança ela por certo não sentirá desejo de expressar nem tão pouco de elaborar seus processos mentais, tendo em vista que nos primeiros meses de vida da criança quando suas expressões ainda são consideradas pré-

linguísticas ela já se relaciona e desenvolve um entendimento de mundo, ou seja, à medida que a criança vai desenvolvendo seu processo de aquisição da linguagem, ela vai construindo sua noção de realidade e experimentando coisas novas a cada momento, a cada descoberta, o que só é possível através da interação com seu grupo social.

O grande progresso em relação aos estágios da aquisição da linguagem verbal acontece pelas relações da criança com o mundo, com as pessoas que envolvem seu contexto social, pessoas que permitem e estimulam a comunicação da criança, proporcionando um meio de relações no qual a criança sinta-se o sujeito no discurso.

A interação da criança com os pais é fundamentalmente importante, é interessante que estes acompanhem atentamente as etapas que vão da emissão e entendimento de sons, formação de palavras e, posteriormente, combinação de duas ou três palavras até a construção de sentenças, tendo em vista que os pais, além de se posicionarem como interlocutores, precisam também se apresentarem como modelos para a criança que tudo observa ao seu redor.

Diante de todas as informações apresentadas podemos afirmar que o passo fundamental para o desenvolvimento da linguagem é a experiência vivida com outras pessoas, a partir das quais a criança aprenderá a nomear, conceituar e caracterizar os objetos.

Quaisquer que sejam as formas pelas quais a criança se exprime, independentemente do estágio em que ela se encontra, esta expressão é a maneira de ser e estar diante do outro que se insere no conjunto das interações que constituem a vida da criança.

É importante que o adulto proporcione um ambiente apropriado às necessidades da criança, pois dependendo das experiências vividas, a criança poderá se tornar passiva, não atingindo assim a posição de sujeito na linguagem. Portanto, para que haja um processo adequado de desenvolvimento da linguagem a criança precisa de um ambiente próprio de interação, onde sinta prazer de ser e estar, conquistando cada vez mais as maravilhas da descoberta da linguagem.

## Referências

- APOSO, R.; VAZ, F. *Aquisição da linguagem*. Mestrado de Informática Aplicado a Educação. 2002.
- CASTRO, I. L. *Linguagem verbal e não verbal: o ensino de língua portuguesa*. Acadêmico On-Line. 10 p. 2013.
- CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. 9 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. In: Os Pensadores. Civita, V. (Ed.). São Paulo: Abril Cultural, 1965. p. 233-286.
- GALLO, A. E.; ALENCAR, J. da S. A. *Psicologia do desenvolvimento da criança*. Maringá-PR, 233 p. 2012.
- LIMA, D. M. C. A. *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez*. [4. ed.]. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal. Brasília: MEC. 89 p. 2006.
- LYRA, G. J. H. *Os contos de fadas na educação infantil*. Psicopedagogia On Line, 2016.
- MOUSINHO, R.; SCHMID, E.; PEREIRA, J. LYRA, L.; MENDES, L.; NÓBREGA, V. *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem: Dificuldades que podem surgir nesse percurso*. *Revista Psicopedagogia*. v. 25., p297-306. 2008.
- MUSSEN, P. H. et al., *Desenvolvimento e Personalidade da Criança*. 2 ed. São Paulo: Harbra, 1988.

- NOVAES, J. C. *Brincando de Roda*. Rio de Janeiro : Agir, 1992
- ORLANDI, E. P. *O que é linguística*. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PASSERINO, L. M. *Repensando a prática educativa*. Ed. Opet, 3º edição, 1996.
- PIAGET, J. *Problemas de Psicologia Genética*. In: *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, São Paulo. 1978.
- SCARPA, E .M. Aquisição da Linguagem. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-232.
- SKINNER, B. F. *Tecnologia do Ensino*. S. Paulo: Editora Pedagógica. 1972.
- STILLINGS, N. A. *Cognitive Science: an introduction*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1989.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 1 ed, São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 1934. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html>>. Acesso em 25 ago. 2016.
- ZAMONER, A. *Modificabilidade cognitiva e aprendizagem escolar*. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó. 104 p. 2012.